

## Keynote “Território Promotores de Participação Juvenil” - Rodrigo Castro

A juventude em Portugal tem vindo a sofrer uma redução bastante significativa, especialmente na faixa etária de jovens entre os 15 e os 29 anos (-21,4% desde 2001 até 2011). Num espaço de 10 anos, 308 municípios em Portugal “perderam” população jovem.

Um fundamento para esta redução poderá ser a natalidade e o peso significativo que a emigração jovem tem sofrido (49% da emigração em 2012 para os 35% em 2011). Alguns dos causadores para essa emigração são a procura de uma melhor segurança no trabalho (55%); a procura de uma baixa criminalidade (36%), estabilidade política (29%), um regime de pensões estáveis (24%) e de poupança estável (15%).

O número de jovens que vive com os pais aumentou, de 1991 para 2011, de 27,1% para 41,6%. O que isto significa para o jovem, muitas vezes casado e com filhos, como afetará o seu trabalho, a sua procura de trabalho, a sua autoestima e consequentemente a sua participação ativa? Questões que dão que pensar.

Os jovens hoje em dia são qualificados. Entre 25 e 29 anos há uma percentagem de 29,2% de jovens com curso superior completo. Jovens altamente qualificados, como nunca tivemos em anos superiores: 98% utilizam computador e internet, 80% conhece uma língua estrangeira e embora 55% da população da população jovem esteja no mercado do trabalho recebem -23% de remuneração comparativamente a trabalhadores por conta de outrem, o que significa que um quarto desta população jovem encontra-se em risco de pobreza.

Estes números e estudos indicam baixos níveis de interesse pela política em Portugal, que o voto em si é um modo de participação que os jovens atribuem menos eficácia, esta população está menos exposta à informação política pelos meios de comunicação convencional e, como tal e consequentemente, tendem a exibir menores níveis de conhecimentos políticos. Dizem que há males que vêm por bem. A crise veio trazer o empreendedorismo, veio fazer com que os jovens se mexam e esta população além de ter maiores índices de participação associativa e de serem a geração mais qualificada de sempre tendem a expressar uma visão mais otimista face ao futuro, dão valor acrescido à realização pessoal, e 33% destes jovens adultos pretendem criar o seu próprio negócio.

Sendo, então, este o panorama surge a pergunta: por que se torna importante envolver os jovens no desenvolvimento de políticas territoriais? Primeiro, por que são os mais afetados e podem participar e partilhar, com relatos e exemplos, na primeira pessoa; porque podem contribuir com o seu conhecimento, experiência e compromisso; porque podem expressar mudanças que lhes dizem diretamente respeito, porque é um papel fundamental na ligação com as comunidades locais e com aqueles socialmente excluídos. Para esta participação alguns obstáculos terão de ser vencidos como: a educação e formação, a desigualdade e exclusão, a percepção errada dos custos, as infraestruturas e espaços de participação.

Neste sentido, torna-se urgente e essencial um compromisso político ao mais alto nível, criar uma política que esteja desconectada de outras políticas, ter cuidados em relação aos *follow-up* e gestão de contactos futuros e com interações que não sustentem uma verdadeira cultura de participação. Deve-se perguntar aos jovens diretamente: “Queres participar no futuro do conselho? Que soluções

gostarias de propor?" E assim perceber o que se deveria trabalhar e implementar em termos de emprego, saúde, habitação, educação e formação, associativismo e voluntariado, ambiente e sustentabilidade, cultura, desporto e lazer, turismo, inclusão social, etc..

.